

Cartas Parisienses
Gottfried W. Leibniz
Nicolas Malebranche

Tradução, introdução e notas de Fabrício Fortes

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

fortes.fp@gmail.com

Resumo: As três cartas a seguir constituem o início de uma correspondência de quase 40 anos entre Leibniz e Malebranche. Resultantes de uma discussão entre os dois autores durante a estadia de Leibniz em Paris, elas partem das questões acerca da essência da extensão e da existência do vazio. Malebranche defende uma posição fundamentalmente cartesiana, a qual é alvo de ataques de Leibniz.

Palavras-chave: Leibniz. Malebranche. Metafísica. Extensão. Vazio.

Abstract: The following three letters are the beginning of a nearly 40-year correspondence between Leibniz and Malebranche. Being a result of a discussion between the two authors during Leibniz's stay in Paris, they start from the questions about the essence of extension and the existence of the emptiness. Malebranche defends a fundamentally Cartesian position, which Leibniz attacks.

Keywords: Leibniz. Malebranche. Metaphysics. Matter. Extension. Emptiness.

Nota introdutória

São desconhecidas as circunstâncias do encontro entre Leibniz e Malebranche. Leibniz viveu em Paris entre março de 1672 e outubro de 1676, onde conheceu Malebranche, possivelmente por intermédio de Antoine Arnauld.¹ Nesse período, o filósofo e matemático de Leipzig buscou estabelecer diálogos com um grande número de autores. Seus interesses naqueles anos foram sobretudo matemáticos, o que o levou, entre outros feitos, à invenção do cálculo. No entanto, as questões filosóficas nunca deixaram de fazer parte de suas preocupações, tendo entrado em contato com as obras e os autores mais importantes da filosofia francesa da época, da qual um dos mais reputados representantes era então Malebranche. Não é possível afirmar que os dois autores tenham se encontrado mais do que uma vez, embora alguns apontamentos biográficos o indiquem. Por exemplo, Victor Cousin, que compilou a correspondência entre os dois autores no quarto volume de seus *Fragments Philosophiques* (1866), afirma que Malebranche, “apesar de seu gosto pelo

¹ Essa conjectura é de Robinet (1955, p. 23).

recolhimento e de sua repugnância pelas discussões, seja em conversação, seja por escrito” (COUSIN, *op. cit.*, p. 2), mantinha encontros frequentes com Leibniz (cf. COUSIN, *op. cit.*, p. 5). Segundo Maria Rosa Antognazza, em seu *Leibniz: an intellectual biography* (2009, p. 162-163), provavelmente entre janeiro e março de 1675, após a leitura de *La Recherche de la Vérité* (1674), Leibniz teria “aprofundado seus conhecimentos” com Malebranche. Em contrapartida, Weissmann (1895, p. 8) sugere a ocorrência de apenas um encontro: “As três primeiras cartas referem-se a um diálogo que ocorrera poucos dias antes em Paris, onde Leibniz, sempre ansioso por aprender, conseguira uma audiência com o célebre cartesiano no solitário dormitório da Rue St. Honoré”.

O que se pode afirmar com segurança é que um encontro entre os dois autores deu origem às cartas que apresentamos neste trabalho, as quais marcam o início de uma correspondência de quase 40 anos. Na ocasião, a conversação se voltou para questões vinculadas à física de Descartes, a saber, o estatuto ontológico do espaço e do vazio e a relação entre a matéria e a extensão. Na primeira carta, Leibniz reconstrói a argumentação de seu interlocutor e apresenta suas críticas a ela. Malebranche defendia uma posição basicamente cartesiana acerca do tema, sustentando que a essência da matéria consiste apenas na extensão e que o pretenso “vazio” consiste em uma porção da matéria (cf. A II, p. 399). As críticas de Leibniz dirigem-se a duas teses que, segundo seu ponto de vista, precisariam ser provadas, a saber, a) que duas coisas realmente distintas são necessariamente separáveis e b) que duas coisas extensas separáveis são necessariamente móveis. Malebranche responde aparentemente a contragosto, com uma carta muito sucinta, limitando-se ao mínimo de explicações em favor de suas teses. A isso Leibniz responde com mais uma minuciosa reconstrução argumentativa, insistindo no apontamento das falhas que encontra nos raciocínios. Malebranche nunca respondeu a essa segunda carta,² e a correspondência entre os dois foi interrompida até 1679, quando passaram a discutir outros temas.

As datas dessas primeiras cartas também são desconhecidas, e há divergências acerca disso em suas diferentes edições. Cousin (*op. cit.*, p. 5) limita-se a relatar que as três primeiras cartas não são datadas.³ Carl Gerhardt, que inseriu essas cartas no primeiro volume dos *Philosophischen Schriften* de Leibniz (1875), conjectura que a primeira carta “pode ter sido escrita em 1674 ou 1675” (GP I, p. 317). A edição da *Akademie* de Berlim (2006) situa essa primeira troca de cartas “provavelmente na primeira metade de 1676” (A II, 1, p. 399). André Robinet, que em seu *Malebranche et Leibniz*:

² Robinet (1955, p. 24) põe em dúvida o fato de a segunda carta de Leibniz ter chegado às mãos de Malebranche visto que duas cópias dela, sendo uma assinada e adornada com a “fórmula da *politesse*”, permaneceram nos arquivos de Hannover.

³ Cousin, aliás, é impreciso quanto à cronologia envolvida, situando a estadia de Leibniz em Paris entre 1672 e 1675, quando em verdade, como mencionamos acima, esse período se estendeu de março de 1672 a outubro de 1676.

relations personnelles (1955) empreende a mais sólida tentativa de reconstrução cronológica dessa correspondência, estabelece, ainda que um pouco vagamente, o período a partir de março de 1675 como marco inicial da conversação, seguindo-se imediatamente o início da correspondência, sendo que a segunda carta de Leibniz, a qual encerra esse primeiro ciclo, teria sido enviada ainda em meados daquele ano (cf. ROBINET, op. cit., p. 23-40).

Esses escritos constituem, por um lado, um testemunho das primeiras críticas de Leibniz ao cartesianismo, as quais viriam a se intensificar a partir de 1684, com a publicação do ensaio *Meditationes de Cognitione, Veritate et Ideis* (GP IV, p. 422-426) e a redação de diversos opúsculos. Por outro lado, eles marcam o ponto inicial de um longo intercâmbio de ideias entre dois dos mais importantes filósofos do século XVII; uma relação que deixou marcas em ambas as partes, influenciando decisivamente a formulação da monadologia de Leibniz e o amadurecimento do ocasionalismo de Malebranche.

1. Primeira carta de Leibniz a Malebranche

Meu Reverendo Padre,

Ao retornar para casa, meditei sobre o que dissemos, de um lado e de outro. É verdade, como bem reconheceste, que no calor da conversa não poderíamos fazer reflexões suficientes sobre todas as coisas a menos que nos sujeitássemos a leis rigorosas, o que seria muito enfadonho. Mas é bem mais cômodo seguir essas leis no papel. Eu quis tentar fazê-lo.

Estávamos nesta tão debatida questão,⁴ a saber, se o espaço é realmente distinto da matéria, se pode haver um vácuo ou se, em vez disso, tudo que é extenso é matéria. Sustentais a última, a saber, que a essência da matéria consiste apenas na extensão. E para provar que esse pretenso vácuo seria apenas uma porção da matéria, fizestes-me observar que esse vácuo tem partes realmente distintas; por exemplo, um vaso completamente vazio separado em dois por um corpo que o corta. Ora, tudo o que é realmente distinto de um outro é separável dele, ao que dizeis que portanto as partes desse vácuo são separáveis, portanto elas são móveis. Logo, esse pretenso vácuo é uma porção da matéria ou, para falar um pouco mais formalmente e por proposições,

- 1) O vácuo (aquele do referido vaso, por exemplo) tem partes realmente distintas.
- 2) Duas coisas realmente distintas são separáveis.
- 3) Duas coisas extensas separáveis são móveis.
- 4) Tudo que tem partes móveis é matéria.
- 5) Logo, o pretenso vazio proposto é matéria.

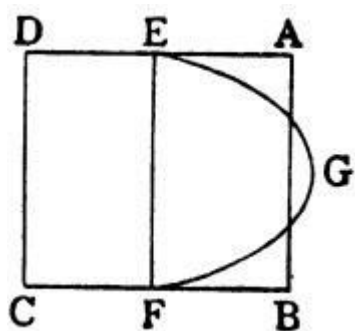
Nesse raciocínio, sou obrigado a pedir a prova de duas proposições, a saber, da segunda e da terceira. Eu já vos havia contestado a segunda, mas agora vejo que a terceira não está livre de dificuldades, e começarei por ela.

Peço, então, que se prove que duas coisas extensas separáveis são móveis ou podem mudar de distância. Eu não precisaria dar a razão que me faz duvidar, pois em matéria de demonstração tem-se sempre razão de duvidar de uma proposição que não está provada. Faço-o, no entanto, para que possais entender melhor o meu pensamento.

Seja o espaço vazio $ABCD$ separado em duas partes pelo corpo EF , digo que o espaço $ABFE$ é separável do espaço $EFCD$, sem movimento ou sem se distanciar dele, a saber, pela destruição de um sem a destruição do outro. Pois suponhamos que o vaso do lado direito seja curvado, ou que o paralelogramo $ABFE$ seja transformado na figura curva $EGFE$, digo que uma parte de todo

⁴ Como aponta Robinet (1955, p. 25), a questão acerca do vazio, que havia sido o centro de diversos debates em décadas anteriores, retornara fortemente à pauta científica parisiense desde a publicação do *Experimenta Nova* (1672), de Otto von Guericke. Em janeiro de 1675, os resultados das experiências acerca desse tópico realizadas por Denis Papin na *Académie des Sciences de Paris* foram publicados no *Journal des Sçavans* e, no mês seguinte, um artigo sobre experiências similares na Inglaterra integrou o número subsequente do mesmo periódico.

o espaço $ABCD$, a saber, $DEFC$, permanece, e que a outra, a saber, $ABFE$, é destruída e transformada em $EGFE$. E não é preciso dizer que o primeiro espaço $ABFE$ ainda permanece, embora ele não seja mais designado por corpo algum, pois creio dever sustentar que as partes no



contínuo existem apenas enquanto são determinadas efetivamente pela matéria ou pelo movimento. Concluo, portanto, que as partes do espaço podem ser separadas ainda que sem distanciamento, pois um desses dois lugares <lieux> vazios retilíneos deu lugar <a fait place> a um lugar vazio curvilíneo. Mas não pretendo prejudgar-vos por isso, caso puderdes provar por uma razão à parte que a alongabilidade⁵ ou mobilidade de um [corpo] extenso é uma consequência da separabilidade, embora o distanciamento, como

acabo de provar, não seja uma consequência da separação.

Eis por que peço pela prova da *terceira proposição*. Passo agora à *segunda*, a saber, que duas coisas realmente distintas são separáveis. Vossa prova, ao que me parece, reduzia-se a isto:

1) Duas coisas realmente distintas podem ser [entendidas] *perfeitamente* uma sem a outra. Acrescento a palavra *perfeitamente* porque acredito ser conforme à vossa opinião.

2) Duas coisas inteligíveis *perfeitamente* uma sem a outra podem ser uma sem a outra ou são separáveis.

3) Logo, duas coisas realmente distintas são separáveis.

Meditei muito sobre isso, e eis de que maneira fico de acordo com a segunda proposição desse *prossilogismo*: se *entender perfeitamente* uma coisa é entender todos os requisitos suficientes para constituí-la, então admito esta proposição, a saber: “Quando todos os requisitos suficientes para constituir uma coisa podem ser entendidos sem que se entendam todos os requisitos suficientes para constituir outra, uma pode ser/existir sem a outra”. Mas também não concordo com a primeira proposição desse *prossilogismo*, a saber, que sendo duas coisas realmente distintas, todos os requisitos de uma podem ser sempre entendidos sem entender os requisitos da outra. No entanto, se puderdes provar vossas proposições universalmente, sem considerar minha distinção, muito bem.

Espero que julgueis, pelo que acabo de dizer, que tratei de desembaraçar a coisa, que escrevi essa carta por amor à verdade e que talvez eu não seja completamente indigno de instrução. E vos asseguro que não me poderíeis convencer sem extrair de mim uma confissão sincera de vosso êxito.

⁵ Leibniz comete um neologismo ao usar a palavra *élongabilité*, que não existe em francês. Optou-se por traduzir o termo por “alongabilidade” para preservar essa sutileza do texto original.

Depois disso, pode ser que me reconheçais como filósofo, isto é, como amante da verdade,⁶ com tanta paixão quanto sou,

Meu Reverendo Padre, Vosso etc.,

Leibniz

2. Resposta de Malebranche a Leibniz

Senhor,

Creio que ainda há muito mais tempo a perder e dificuldades a vencer nas disputas por escrito do que naquelas que se encerram na conversação. Vedes bem as razões disso. No entanto, visto que me destes a honra de me escrever, tolerareis que eu vos responda.

Negais duas proposições, das quais eis a primeira: *Dois coisas realmente distintas são separáveis*; e dizeis, sobre a prova dessa proposição, que ainda que duas coisas sejam realmente distintas, todos os requisitos de uma não podem ser sempre entendidos sem os *requisitos* da outra.⁷ Ao que respondo que isso não é verdadeiro nos seres absolutos, mas somente nos modos dos seres e em todas as coisas que consistem em relações, pois os seres absolutos não têm *requisitos*; sua ideia é simples. Podeis pensar em uma parte da extensão sem pensar em outra, mas se duas partes da extensão se juntam e quereis separá-las, então é preciso pensar em uma outra extensão que as separa. Esse *requisito* é concebido necessariamente, mas vê-se claramente que é também possível que as outras partes da extensão que concebemos juntas [sejam separadas]. Não se concebe contradição nisso se não se supõe o que está em questão, [isto é,] que a extensão é imóvel.

A segunda proposição que negais é esta: *Dois coisas extensas separáveis são móveis*. Isso me parece evidente, pois se concebemos que a extensão que separa duas partes da extensão cresça ou aumente incessantemente, as duas partes da extensão se distanciarão sem cessar e, por conseguinte, estarão em movimento. E não vejo que, se é possível colocar a extensão de uma polegada entre duas partes de extensão, não se possa colocar um pé, uma toesa, etc. De resto, estou de acordo que as partes da extensão são separáveis no sentido de que uma pode ser destruída sem a outra, mas isso não impede que uma possa se distanciar da outra a não ser que se queira representar sempre a extensão como imóvel, isto é, supor o que está em questão.

⁶ Robinet vê nessas expressões *l'amour de la vérité, amateur de la vérité e indigne d'instruction* uma série de referências a *La Recherche de la Vérité*.

⁷ Como aponta Cousin (op. cit., p. 5), o uso do termo francês *réquisits* em lugar de *requisita* não era usual na época, como o era, por exemplo, o uso de *postulats* em lugar de *postulata*.

Eis, Senhor, o que é necessário que eu responda para satisfazer a vossa carta. Não vos digo mais porque espero, rendendo-vos as civilidades que vos devo há tanto tempo,⁸ responder-vos mais clara e agradavelmente sobre as dificuldades que me destes a honra de propor-me.

Sou, Senhor, Vosso mui humilde e mui obediente servo,
Malebranche.

3. Segunda carta de Leibniz a Malebranche

Meu Reverendo Padre,

Concebo muito bem que aqueles que têm a facilidade de compreender e de se expor encontram mais prazer nas conversações do que nas disputas por escrito. Porém, aqueles que são tão lentos quanto eu não podem segui-los pois se detêm em toda parte, ao passo que os escritos lhes dão o lazer de meditar. Sendo assim, é conforme à equidade, e mesmo à caridade, que aqueles que são mais perfeitos tenham alguma condescendência pelos fracos. Vejo que a tendes assaz por mim, e que talvez seja essa a única razão que pode fazer com que vos comprometais a responder-me. Sou grato a vós por isso, e vos suplico apenas que não se arrependais pelas horas que podereis ainda empregar até findar de me instruir da maneira que começastes.

Há duas questões. Uma delas é se a *separabilidade* é uma consequência da *distinção real*. A outra é se a *mobilidade* é uma consequência da *separabilidade*. Afirmais ambas, e empreendestes prová-las. Eu havia considerado que vossa prova supõe que duas coisas realmente distintas podem ser sempre perfeitamente entendidas uma sem a outra. Roguei-vos em minha carta que o provásseis da maneira como eu o negava, a saber, que todos os requisitos de uma podem sempre ser entendidos sem que se entendam todos os requisitos da outra. Em vossa resposta, distinguistes entre os seres absolutos e os respectivos. Dissestes que os seres absolutos não têm requisitos. Ora, as coisas das quais se trata, a saber, duas partes do espaço, são seres absolutos. Portanto, visto que elas não têm requisitos, será verdadeiro que uma poderá ser perfeitamente entendida sem que se entenda perfeitamente a outra, ou que todos os requisitos que uma pode ter, uma vez que ela não os tem, serão entendidos sem que se entendam todos os requisitos da outra, porque ela tampouco os tem. Isso está muito bem distinguido. Mas resta a vós provar que dois seres, tais como as partes do espaço, não têm requisitos. Para mim, tudo o que pode ser produzido tem requisitos fora de si, a saber, aqueles que concorreram para a sua produção. Ora, as partes do espaço são produzidas pelo movimento do

⁸ “Há tanto tempo” indica que esta carta é uma resposta relativamente tardia à carta anterior de Leibniz, a qual, pelo teor de sua introdução, presume-se ter sido escrita logo após a discussão de que trata.

corpo que o divide. Logo, elas têm requisitos. Empreendestes, no entanto, provar o contrário, e o fizestes assim:

As partes da extensão não são modos de ser ou seres respectivos, mas seres absolutos.

Os seres absolutos têm uma ideia simples.

As coisas cuja ideia é simples não têm requisitos.

Logo, as partes do espaço não têm requisitos.

Da maneira como explicastes por esse raciocínio o que chamais de *seres absolutos*, sou obrigado a discordar que as referidas partes sejam seres absolutos. Apenas Deus e suas perfeições ou atributos serão absolutos nesse sentido.

Inseris alguns raciocínios à parte. Dizeis que se pode pensar em uma parte de um [corpo] extenso sem pensar em todas as outras. Respondo que uma coisa é pensar nele e outra coisa é entendê-lo perfeitamente ou entender todos os requisitos, quando ele os tem.

De resto, tenho todo o direito de supor que não é necessário que todo extenso seja móvel até que isso seja provado. E aquele que responde a uma prova sempre pode supor o que está em questão enquanto não se prova a impossibilidade da suposição.

Isso deve servir também para responder ao que dizeis no segundo tópico, a saber, *que a mobilidade é uma consequência da separabilidade*. Vossa prova é:

O que separa duas coisas extensas está entre duas coisas.

O que está entre duas coisas pode ser concebido aumentando em grandeza.

O que aumenta em grandeza estando entre duas coisas aumenta a distância entre elas.

O que aumenta a distância entre duas coisas as põe em movimento.

Logo, o que separa duas coisas extensas as põe em movimento.

Respondo negando a primeira proposição desse raciocínio, a saber, que o que separa duas coisas extensas se coloca sempre entre elas, porque já declarei na primeira carta que chamo de *separação* não apenas o distanciamento, mas ainda a destruição de uma coisa sem a destruição da outra, e fiz ver, por um exemplo, como há uma separação sem distanciamento. Vós previstes que eu daria essa resposta, e dissestes logo em seguida: *estou de acordo que as partes da extensão são separáveis porque uma pode ser destruída sem a outra, mas isso não impede que uma possa se distanciar da outra, se não se quer representar sempre a extensão como imóvel, isto é, supor o que está em questão*. Mas podeis recordar que eu disse, em termos explícitos na minha primeira carta, que o que eu dizia *não exclui* o que dizeis, desde que o proveis. E expliquei, mostrando que há uma separação sem distanciamento, que não quero prejudicar-vos no caso em que puderdes provar que não há separabilidade sem

alongabilidade.⁹ Mas eu esperava por essa prova, e acreditava poder, todavia, supor o que está em questão.

Estou certo de que julgareis por vós mesmo que é preciso ainda alguma coisa para fazer conceber claramente a necessidade da mobilidade de tudo o que é extenso, e desejo que me comuniquéis se tiverdes em mãos alguma coisa que o possa satisfazer. Reconheço que habitualmente é difícil exprimir nossos pensamentos e fazer os outros reconhecerem o que nos parece convincente. Mas penso também que só temos uma demonstração completa quando estamos em condição de enunciá-la de uma maneira incontestável à consideração de qualquer homem que queira tomar o cuidado de examiná-la ponto a ponto.

Enfim, para fazer-vos justiça, podereis ter razão para desejar que um adversário prove ele mesmo que há alguma extensão imóvel, se tivésseis que lidar com um adversário. Mas não encontrareis um em mim, eu que tenho a disposição de aprender e que não estou na condição de ensinar. Podeis acrescentar que ao menos a presunção é de que tudo o que é extenso é móvel, até que se prove que há algum extenso imóvel. Respondo que encontro em mim essa presunção contrabalanceada por uma certa propensão que todos os homens têm de conceber um espaço distinto da matéria.

Sou, Meu Reverendo Padre,
 Vosso mui humilde e mui obediente servo,
 Leibniz.

BLIBIOGRAFIA:

- ANTOGNAZZA, M. R. (2009). *Leibniz: an intellectual biography*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COUSIN, V. (1866). *Correspondance de Malebranche et Leibniz*. In: COUSIN, V. *Fragments Philosophiques pour Servir à l'Histoire de la Philosophie*, v. IV. Paris: Aug. Durand / Didier et Cie., p. 1-73.
- LEIBNIZ, G. W. (2006). *Philosophischer Briefwechsel* (herausgegeben von der Leibniz-Forschungsstelle der Universität Münster), v. II, B. I.. Berlin: Akademie Verlag. (Abreviado por A II.)
- _____. (1880). “Meditationes de Cognitione, Veritate et Ideis”. In: LEIBNIZ, G. W. *Die Philosophischen Schriften* (herausgegeben von C. I. Gerhardt), v. IV. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, p. 422-426. (Abreviado por GP IV.)
- _____. (1875). “Briefwechsel zwischen Leibniz und Malebranche”. In: LEIBNIZ, G. W. *Die Philosophischen Schriften* (herausgegeben von C. I. Gerhardt), v. I. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, p. 315-361. (Abreviado por GP I.)

⁹ Ver nota 5, acima.

ROBINET, A. (1955). *Malebranche et Leibniz: relations personnelles, présentées avec les textes complets des auteurs et de leurs correspondants revus, corrigés et inédits*. Paris: Vrin.

WEISSMANN, A. (1895). *L'Influenza del Malebranche sulla Filosofia del Leibniz*. Innsbruck: Stamperia Academica Wagneriana.